

O exercício da intuição na composição da cena

Sergio Coelho Borges Farias

Universidade Federal da Bahia

Palavras-chave: Teatro, Improvisação, Taxonomia, Domínio Estético, Avaliação, Intuição

Avaliação continua sendo assunto complicado para a maioria dos educadores dedicados ao ensino de arte, já que o mesmo envolve as capacidades de sensação, sentimento e intuição, tanto quanto aquelas baseadas no pensamento.

O educador é formado geralmente para desenvolver junto ao estudante apenas o campo cognitivo, promovendo o conhecimento e desenvolvendo habilidades mentais. Entretanto, nas aulas de teatro, o domínio psicomotor é também tratado nos seus diversos estágios, desde a percepção até o domínio completo de movimentos, passando pelo posicionamento no espaço, pela execução acompanhada e pela mecanização. Nesse domínio, os órgãos dos sentidos jogam papel relevante. A visão, a audição e o tato, especialmente, são mecanismos fundamentais para a comunicação grupal e para a composição da poética da cena. As sensações provocadas pelo toque, por exemplo, seja em relação a objetos ou em relação a outros corpos, são determinantes para o alcance pleno da categoria inicial do domínio psicomotor, que é a percepção.

Outro domínio presente de maneira acentuada nas aulas de arte é o afetivo. As atitudes indispensáveis para a comunicação e para a formação de uma *visão de mundo*, ou de uma *filosofia de vida*, são exercitadas nas atividades artísticas, tanto na criação, quanto na apreciação e contextualização da obra de arte. O ponto de partida para o trabalho com o domínio afetivo está no ato de *prestar atenção* ao que acontece no ambiente em que se encontra. A atribuição de valores às próprias respostas que emite e a organização de um sistema de valores por parte do estudante, são também etapas fundamentais para uma caracterização do sujeito do processo educativo.

No ensino de teatro, as emoções também aparecem como fatores importantes, já que estão presentes na vida dos personagens e dos atores ao viverem as diversas situações cênicas. As emoções básicas (alegria, tristeza, amor, raiva e medo) e os sentimentos resultantes de suas combinações (nojo, piedade, nostalgia, vergonha, saudade etc.), vivenciadas no ambiente educativo, tornam peculiar o ensino de teatro, aumentando a complexidade da sua avaliação, tanto para o acompanhamento cotidiano das tarefas didáticas, quanto para atribuição de conceito ou nota.

Não é somente no campo da sensação e do sentimento que residem as maiores dificuldades para se avaliar a aprendizagem em arte. A intuição aparece como a capacidade humana mais misteriosa, mesmo sendo amplamente exercitada nos processos de criação. Impressões instantâneas, percebidas em frações de segundos, indicam uma saída para um

impasse, alertam para um perigo ou indicam pistas para contornar uma situação difícil. O que é isso, de onde vem, como acontece?

Chamada de *insight* por uns e de *sexto sentido* por outros, a intuição é vista como o conhecimento que surge sem o uso da lógica ou da razão. Num piscar de olhos, tem-se a sensação de pensar sem refletir, sem raciocinar, ou seja, de pensar sem pensar. Parece razoável considerarmos que naquele instante algo foi buscado na memória, foi articulado com os padrões registrados no corpo/mente e se expandiu para atingir os mecanismos de comunicação. A leitura veloz dos padrões permite ao indivíduo resolver problemas através de impulsos e até mesmo fazer antecipações do que é *mais provável* acontecer.

Estar atento aos pequenos detalhes também faz muita diferença. Tudo indica que momentos de silêncio, para aquietar o corpo, *dar um descanso* à lógica, deixar de lado a mania de querer provar e reduzir a velocidade das emoções e do pensamento podem ajudar a ativar a intuição. Ter em mente as questões que devem ser resolvidas, abrir todos os canais dos sentidos (já que muitas vezes um insight aparece através de um sinal corporal físico) e trabalhar em grupo são também formas de propiciar a visão e a liderança intuitivas. Não é fácil reverter os condicionamentos que levam à supervalorização do pensamento em detrimento das outras três capacidades humanas, anunciadas por Carl Gustav Jung – sensação, sentimento e intuição.

Nos processos criativos, os indivíduos que apresentam autocrítica acentuada possuem mais dificuldade para deixar fluir a imaginação, para entrar no jogo da improvisação. Ali não há tempo longo para refletir, analisar, comparar ou calcular. As respostas têm que vir *num impulso*. As operações sensoriais, mentais e emocionais precisam ocorrer em grande velocidade, para que aconteça a contracena entre os atores. Um ator deve, tanto quanto possível, *intuir* as ações dos demais companheiros de cena. Isso não ocorre somente com o ator. O que faz o trapezista que se lança no espaço chegar na hora certa para ser segurado pelo companheiro não é somente o raciocínio sobre a ação, o sentimento de amor ao trabalho, o medo de cair, a medida da distância que percorre, ou o cálculo da força necessária para pular. No momento do salto isso tudo já deve estar presente no indivíduo e sistematizado em padrões, para que apareça o *impulso* necessário à ação desejada. Mas como avaliar uma aprendizagem que resulta de algo que *não se explica*?

No teatro, os laboratórios, as análises textuais e os ensaios resultam na composição de padrões no repertório do ator, que servem de base para a intuição nas ações cênicas e favorecem a criatividade. No momento do *salto*, no trapézio ou na cena, não é a quantidade de informações que garante um bom resultado, é a capacidade de identificar rapidamente o que de fato importa.

Cabe ressaltar que assim como as separações entre áreas de saber (Filosofia, Ciência, Arte e Religião) e entre as centenas de disciplinas, a divisão em domínios de aprendizagem (cognitivo, psicomotor, afetivo e estético) é um artifício para o aprofundamento e a organização dos estudos. A aprendizagem de qualquer matéria ocorre com o envolvimento de todo o corpo, ou seja, do indivíduo em sua inteireza, e nos diversos domínios, ao mesmo tempo. Pode-se,

contudo, perceber a predominância de alguns deles em certas situações, e é por isso que foram formuladas as taxonomias e as tabelas de áreas de conhecimento.

As taxonomias do domínio cognitivo (foco no pensamento), do domínio psicomotor (foco na sensação) e do domínio afetivo (foco no sentimento), abrangem três das principais capacidades humanas. O desenvolvimento do senso estético, com seus mecanismos de aprendizagem, presentes nos exercícios de criação artística, requer também uma taxonomia que focalize principalmente a intuição. Segue, então, uma seqüência de categorias ou estágios com grau crescente de complexidade, para o domínio estético da aprendizagem: **toque, imaginação, transcendência, apreciação e incorporação.**

A aprendizagem no campo estético começa pelo **toque**. Se o ator da experiência estética realiza a dilatação e a irradiação e entra em sintonia com o apreciador da obra, através de uma pulsação harmoniosa, inicia-se um processo de empatia. Tocado pela obra, e em sintonia com a mesma, o sujeito deflagra um processo de **imaginação**. A formação de imagens acompanhadas da linguagem tem inicialmente como fonte geradora a memória, e tem, portanto, como matéria prima o que está retido no corpo em códigos mentais e sensoriais. A ampliação dessa imaginação leva então à **transcendência**. Articulando os elementos de sua história de vida e de sua visão de mundo com as imagens oferecidas e provocadas pela obra, o sujeito vai além do que já se encontra inscrito em seu universo interior, criando situações próprias, prazerosas ou não. O exercício do prazer estético nos seus variados graus resulta da **apreciação**, que é o que se segue às etapas de ser tocado pela obra, imaginar, e transcender. Finalmente o sujeito promove a **incorporação** do que foi vivenciado ao seu repertório mental, sensorial, emocional. A aprendizagem no campo estético resulta, então, no aumento da complexidade da capacidade intuitiva. Voltando à questão inicial, como avaliar esse tipo de aprendizagem?

A avaliação no domínio estético deve ser complementada, evidentemente pela avaliação do desempenho em cada um dos outros domínios, com critérios e instrumentais específicos. No caso das ações criativas, resultantes de processos mais intuitivos, parece ser mais indicado usar também a intuição na avaliação do desempenho dos estudantes pelo educador e pelos colegas, através do procedimento da auto-avaliação (enriquecida com as observações do educador e dos colegas), depois de conversar sobre tudo isso com os envolvidos. Perguntar é também muito importante na avaliação da aprendizagem em arte; impulsiona a criação, provoca a revelação do que foi aprendido, permitindo verificar o possível impacto ocorrido na formação.

Conhecimentos em literatura dramática, teoria ou história do teatro, por exemplo, podem ser avaliados mais objetivamente. Se um aluno responde num exercício que a tragédia grega Antígona foi escrita em Verona na Idade Média, ou que o distanciamento foi proposto e praticado por Molière, grande autor do movimento modernista, é possível dizer que ele está *errado*. Porém, se numa improvisação o estudante está jogando de acordo com a proposta do

exercício, está contracenando adequadamente, e depois de ouvir uma declaração de amor ele, por exemplo, diz apenas que vai dormir, ele pode ter toda razão; quer dizer, toda intuição...

Referências:

FARIAS, Sergio Coelho Borges. A arte e o domínio afetivo na educação. In FARIAS, Sergio e Matos, Lúcia (Orgs.). **Arte e Educação. Coletâneas PPGE**, n. 1, Salvador: PPGE Ufba, jan. 1999.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. RJ: Nova Fronteira, 1997.

RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio. **A taxonomia de objetivos educacionais**. Brasília: Ed. UnB, 1997.